

# ININTELIGIBILIDADE E HERMENÊUTICA N'AS AFINIDADES ELETIVAS, DE GOETHE

Wilma Patricia M. D. Maas\*

## Resumo

Neste texto, analisamos o romance *As afinidades eletivas*, de Goethe, sob o prisma das relações entre ininteligibilidade e hermenêutica, conflito explorado pelo autor para firmar uma posição crítica em relação à atividade hermenêutica.

## Palavras-chave

Escrita; Crítica; Goethe;  
Hermenêutica; Ininteligibilidade;  
Linguagem.

## Abstract

In this paper, we analyze Goethe's *Elective Affinities* novel under the perspective of relations between intelligibility and hermeneutics, a kind of conflict explored by the author to establish a critical position in relation to the hermeneutic activity.

## Keywords

Criticism; Goethe; Hermeneutics;  
Language; Unintelligibility; Writing.

---

\* Departamento de Letras Modernas – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Araraquara - 14800-901 - Araraquara – SP – Brasil. E-mail: pmaas@uol.com.br

Há pouco mais de vinte anos, a coletânea denominada “A atualidade do Primeiro-Romantismo Alemão” (BEHLER; HÖRISCH, 1987)<sup>1</sup> fixou algumas das posições críticas do legado dos românticos de Jena e Berlim, ao mesmo tempo em que descortinou algumas perspectivas de abordagem até então impensáveis na fortuna crítica da *Goethezeit*. Dentre os ensaios ali publicados, consta o de Jochen Hörisch (1987), que tem como título “Hermenêutica primeiro-romântica versus anti-hermenêutica primeiro-romântica, acrescido do subtítulo “O conciliador e o furor da compreensão” (“*Der Mittler und die Wut des Verstehens*”). Ali, Hörisch trata das relações entre Schleiermacher, o “profeta e patrono” (HÖRISCH, 1987, p. 19) da hermenêutica moderna, e uma forma de pensamento comum entre os primeiros românticos e contemporâneos de Schleiermacher, Friedrich Schlegel e Novalis, em que se verifica antes a disjunção entre a letra e o espírito, entre a letra e os sujeitos da linguagem, do que propriamente a validação dos pressupostos que permitem o processo de interpretação filológica. No caso dos primeiros românticos, já é razoavelmente conhecido entre nós o pensamento aparentemente delirante de Schlegel, em textos como o ensaio sobre a ininteligibilidade, no qual a disjunção entre a letra e o espírito, entre significante e significado, é tensionada até o limite do insuportável, em que resta ao leitor e ou interlocutor mover-se por sobre o solo inseguro da ironia e da ininteligibilidade. Schlegel deixa claro que “as palavras entendem-se melhor umas as outras do que as entendem os que fazem uso delas” (SCHLEGEL, 1967, p. 364 – tradução nossa).

Também Novalis não louva exatamente os métodos filológicos de compreensão do discurso dos outros, quando, no *Monolog*, afirma que “acontece uma coisa doida com o falar e o escrever: a reta conversa é um mero jogo de palavras” (NOVALIS *apud* GAGNEBIN, s/d, p. 75) e que “com a língua acontece o mesmo que com as fórmulas matemáticas - elas constituem um mundo para si, se entretêm apenas consigo mesmas, expressam nada mais que a sua maravilhosa natureza e, exatamente por isso, elas são tão expressivas, exatamente por isso se reflete nelas o jogo enigmático das relações que os objetos entretêm” (NOVALIS *apud* GAGNEBIN, s/d, p. 75).

Entretanto, o subtítulo do texto do Hörisch, em um gesto hermenêutico sagaz, não aponta diretamente para os primeiros românticos a quem o título alude, mas, sim, para nada menos do que o romance de Goethe *As afinidades eletivas*, no qual “*Mittler*” é o nome dado a um personagem cuja função na narrativa é, como o próprio nome indica, a de mediador ou conciliador.

Em sua primeira aparição em cena, Mittler é apresentado, na tradução citada, como “esse homem engraçado” (*der drollige*), “aquele homem estranho” (*der wunderliche Mann*), “o hóspede bizarro” (*der närrischer Gast*) – adjetivos muito pouco adequados a um homem cuja função deveria ser a de apaziguar conflitos domésticos. Mittler vive

com o firme propósito - ou talvez mais por velhos hábitos e inclinações - de não se demorar em nenhuma casa onde não houvesse nada para apaziguar ou dar assistência. Aqueles que são supersticiosos a respeito do significado dos nomes, afirmam que o nome Mittler forçou-o a seguir a mais estranha de todas as determinações. (GOETHE, 1992, p. 34).

Em sua primeira aparição, Mittler é anunciado com alarde e bom humor pela criadagem da casa a Eduard e Charlotte, recolhidos na paz da recém-reformada igreja, junto ao cemitério. Fazendo-se anunciar com alarde, manda

---

<sup>1</sup> Cf. Behler, Ernst & Hörisch, Jochen. *Die Aktualität der Frühromantik*. München: Paderborn, 1987.

perguntar aos donos da casa “se há necessidade”. Instado por Charlotte e Eduard a atuar na decisão sobre a vinda do Capitão, incidente que deflagrará a tragédia, o mediador reage, entretanto, da maneira mais inesperada:

Os dois esposos lhe confessam tudo pormenorizadamente; mas, mal percebera o sentido da coisa, ele ficou aborrecido, levantou de sobressalto alcançou a janela e mandou selar seu cavalo. [...]

Está havendo algum desentendimento aqui? Alguém está precisando de ajuda? [...] Cada um que se aconselhe a si próprio e faça o que for necessário. Se der certo, que se alegre com sua sabedoria e com sua sorte; caso contrário, estarei aqui sempre à disposição. [...] Façam que quiserem, tanto faz! Recebam os amigos em casa, ou os mantenham longe: tanto faz! Já vi as atitudes mais sensatas malograrem e as mais banais triunfarem. Não quebrem a cabeça e, se de um modo ou de outro, não tiverem êxito, não quebrem a cabeça! Mandem me chamar, e eu ajudarei” (GOETHE, 1992, p. 34–35).

Essa primeira intervenção de Mittler deixa muito a desejar em relação à função que a personagem requer para si, e ao nome que a caracteriza. Frente à primeira e fundamental decisão que desencadeará toda a catástrofe, Mittler recua, deixando Charlotte e Eduard “ainda mais confusos e incertos do que antes” (GOETHE, 1992, p. 35), segundo afirma Charlotte imediatamente depois da partida do “outrora eclesiástico” (GOETHE, 1992, p. 33).

Em sua segunda aparição, Mittler encontra Eduard já recolhido a si mesmo e irremediavelmente entregue à paixão por Ottilie. Este o recebe, esperançoso, na expectativa de que o conciliador tenha vindo da parte dela: “Como desejava saber algo de Ottilie, a vinda de Mittler era-lhe tão cara como a de um mensageiro celestial” (GOETHE, 1992, p. 129). Mensageiro celestial, Hermes ou Mercúrio, Mittler não vem, entretanto, da parte de Ottilie. Vem por “impulso próprio”: “[Eduard] Ficou, porém, aborrecido e mal-humorado ao perceber que Mittler não viera a pedido dela” (GOETHE, 1992, p. 129 – colchetes nossos). O mensageiro não transmite as novas, não permite o processo de comunicação e interpretação do discurso do outro. Vem por vontade própria, embaralhando o processo de comunicação, trazendo à experiência um elemento estranho, capaz de alterar o comportamento original dos actantes. Seguindo, aqui, uma indicação de Heinz Schlaffer, a presença de Mittler é, literalmente, mortal:

Ele desencadeia a morte do pastor quando do batizado da criança; dispara o mecanismo que leva à morte de Ottilie por meio de seu discurso inconveniente sobre o sexto mandamento, e é ele, por fim, o primeiro a deparar-se com Eduard morto (SCHLAFFER, 1981, p. 219 - tradução nossa).

Voltemos agora à proposição inicial de Hörisch, segundo qual “não resta dúvida de que o romance de Goethe publicado em 1809 é também um manifesto anti-hermenêutico” (HÖRISCH, 1987, p. 23). Hörisch apoia-se principalmente em dois argumentos: o primeiro trata de identificar, na obra caudalosa de Goethe, passagens em que este professaria, ainda que indiretamente, uma posição avessa ao “negócio da interpretação e da compreensão”: duas breves passagens das *Zahmen Xenien II* apontam para tal direção:

Na interpretação é preciso frescor e audácia;  
Se não interpretas, deixa de tretas<sup>2</sup>. (GOETHE, WA, 3, 1890, p. 258).

---

<sup>2</sup> No original: “*Im Auslegen seid frisch und munter, / legt ihr's nicht aus, so legt es unter*”.

Ainda:

Do que não se compreende muita coisa há,  
Segue então adiante, logo se arranjará<sup>3</sup>. (GOETHE, WA, 3, 1890, p. 249).

Talvez a expressão mais conhecida seja aquela em que Goethe incita ao linchamento daqueles que ganham a vida com a publicação de interpretações e modos de entender uma obra, os críticos: “Matem o cão a pancadas, trata-se de um crítico!”<sup>4</sup> (GOETHE, s/d, p. 62 – tradução nossa).

O segundo argumento de Hörisch apoia-se no fato comprovado de que Goethe não teria permanecido alheio à obra de Schleiermacher, melhor dizendo, do primeiro Schleiermacher. Em duas entradas em seu diário, respectivamente em 23 e 26 de setembro de 1799, Goethe acusa a leitura dos *Discursos sobre religião*<sup>5</sup>, de Schleiermacher, publicados no mesmo ano. Nesse texto do primeiro Schleiermacher, é possível identificar as linhas de pensamento que culminarão no deslocamento da hermenêutica da letra para uma hermenêutica do espírito. De maneira surpreendente para o assim chamado fundador da hermenêutica moderna, Schleiermacher expressa, ali, a dissociação entre o processo de compreensão da letra e a constituição do sentido filosófico ou religioso:

É com pesar que vejo diariamente o furor da compreensão impedir completamente o surgimento do sentido e como tudo conjura para que o homem permaneça atado ao que é finito e apenas a uma parte muito pequena dele, de modo que o infinito lhe seja levado o mais longe possível dos olhos. Quem é que impede o florescimento da religião? Não os descrentes e os blasfemos, pois, ainda que se comprazam em afirmar que não possuem religião alguma, não impedem o caminho da natureza [...]. Também não aqueles destituídos de moral [...]; quem impede o florescimento da religião são os entendidos (die Verständigen). (SCHLEIERMACHER, 1799, p. 80 – tradução e grifos nossos).

Schleiermacher vai ainda mais longe na sua crítica àqueles possuídos pelo “furor da compreensão”: “O principal é que eles (os entendidos) suponham-se capazes de entender tudo, e com esse entender eles se deixam enganar completamente em relação ao sentido.” (SCHLEIERMACHER *apud* HÖRISCH, 1987, p. 25).

É preciso ressaltar, aqui, que as objeções de Schleiermacher nos *Discursos sobre a religião* estão voltadas especificamente à questão da mediação da palavra divina, uma vez que a própria necessidade de existência de um *Vermittler* (mediador) torna evidente a aporia que permeia o processo da interpretação religiosa: “Caso essa intermediação entre o reino de Deus e o mundo dos homens cessasse, então ‘compreenderíamos mesmo a mais inaudível das palavras, ao passo que agora, mesmo as mais claras manifestações não escapam ao mal-entendido’” (SCHLEIERMACHER, *apud* HÖRISCH, 1987, p. 25). Assim, da mesma forma que o conceito de “compreensão”, um outro conceito central da hermenêutica sofre um ataque radical nesse texto da juventude de Schleiermacher: assim como o *Mittler* do romance de Goethe, também o *Vermittler* que tem por função intermediar as relações entre o reino de Deus e o mundo dos homens é um mal necessário. A partir do reconhecimento dessa aporia, Schleiermacher teria chegado àquele que será o conceito fundamental de

<sup>3</sup> No original: “Manches können wir nicht verstehen / Lebt nur fort, es wird schon gehn”.

<sup>4</sup> No original: “Schlag ihn tot, den Hund! Er ist ein Rezensent”.

<sup>5</sup> Há tradução disponível em português: SCHLEIERMACHER, F. *Sobre a religião*. São Paulo: Fonte Editorial, 2000.

sua hermenêutica futura: o conceito de espírito, elevado a princípio do processo de interpretação, que dá vida ao que está morto na letra. Já o primeiro Schleiermacher interpunha o conceito de espírito à “letra morta”, manifestando-se contra as “escolas, nascedouros da letra morta” e “contra os partidários da letra morta”.

As entradas de setembro de 1799 nos *Tage-und Jahreshefte* permitem, portanto, que se estabeleça a hipótese de que Goethe teria conhecido os discursos sobre religião de 1799, nos quais Schleiermacher faz a crítica do furor da compreensão e da necessidade de um intermediário (*Mittler, Vermittler*) no processo de compreensão da palavra divina. Entretanto, ao passo que Schleiermacher seguirá na direção da integração e redenção da “letra morta” pela hermenêutica do espírito, que compensa e equilibra os mal-entendidos resultantes da diferença entre a letra e o sentido, “reduzindo as letras díspares no sentido de um livro, os muitos sentidos de muitos livros ao espírito de um autor e o muitos espíritos de muitos autores a um determinado *Zeitgeist*” (SCHLEIERMARCHER *apud* HÖRISCH, 1987, p. 32), o romance de Goethe de 1809 emerge como o lugar ideal do divórcio entre a letra e os sujeitos da linguagem.

Ainda que a crítica do primeiro romantismo não se tenha ocupado diretamente de *As afinidades eletivas*, e, sim, de outro romance de Goethe, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, não é totalmente descabida a hipótese de que Goethe tenha escrito definitivamente o *Kunstroman* que os primeiros românticos desejaram como programa estético. Também o romance de Goethe, assim como muitos dos textos publicados na revista *Athenäum*, foi objeto de censura quanto à sua lassidão moral e, mesmo, quanto à sua ininteligibilidade. Assim como a produção dos primeiros românticos, também o romance de Goethe parece oferecer-se a uma abordagem que o identifique como lugar da disjunção entre a letra e o sentido, entre a letra e a intenção daqueles a ela sujeitos.

Essa disjunção pode ser reconhecida tanto no sucesso das interpretações de caráter alegórico – como aquela sugerida pelo ensaio de Walter Benjamin (1924-1925)<sup>6</sup> que, contrapondo-se e às interpretações escoradas em um sentido moral, pleiteia para a narrativa uma dimensão, um intertexto ou um subtexto mítico –, quanto na ineficácia dos atos de linguagem que permeiam todo o romance.

São muitas as instâncias em que a linguagem da comunicação, seja ela oral ou escrita, divorcia-se da intenção individual, consciente ou inconscientemente. Já nos dois primeiros capítulos de *As afinidades eletivas*, Charlotte e Eduard, casal que vive em tranquila intimidade no isolamento doméstico, surpreendem o leitor, que percebe o quanto o diálogo entre eles é permeado por subterfúgios e segundas intenções. A iminente chegada de Ottilie e do Capitão é que parece, então, precipitar, entre as outras reações desencadeadas, também a afluência do sentido até então represado. É Eduard quem primeiro revela a Charlotte sua intenção de chamar o amigo para o convívio de ambos, instado pela premência de responder a uma carta daquele:

Já que estamos aqui sozinhos, sossegados - disse Eduard com o espírito bem tranquilo e sereno -, tenho de confessar-lhe algo que, já há algum tempo, me pesa no coração e que devo e quero confiar-lhe, mas ainda não tive a oportunidade.

- Já havia notado alguma coisa em você - replicou Charlotte.

---

<sup>6</sup> Há tradução disponível em português: BENJAMIN, W. *As afinidades eletivas de Goethe*. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio reunidos*, São Paulo: Editora 34, 2009.

E quero confessar ainda que – continuou Eduard – se o carteiro amanhã não me apressasse e não tivéssemos de decidir hoje, eu talvez continuasse calado por mais algum tempo. (GOETHE, 1992, p. 32).

Ao fim da entrevista entre ambos, a decisão ainda não foi tomada. Eduard pergunta o que deve escrever ao Capitão, pois deve fazê-lo imediatamente. Charlotte responde: “uma carta tranquila, sensata e consoladora” (GOETHE, 1992, p. 27). Para Eduard, isso vale tanto quanto escrever nenhuma carta. Ao que Charlotte replica: “Contudo, em muitos casos, é preferível e mais cordial escrever, mas sem dizer nada, do que não escrever” (GOETHE, 1999, p. 27).

Já logo o narrador atribuirá a Charlotte mais uma dissimulação. Eduard, instado por Charlotte, reconhecerá que a ainda ausente Ottilie é bela, mas que não lhe atraiu especialmente a atenção, quando a viu, por ocasião do reencontro com Charlotte, então na companhia da afilhada e protegida.

Isso é louvável de sua parte – disse Charlotte, pois eu estava presente; e, embora ela fosse bem mais jovem do que eu, a presença da amiga mais velha o encantou tanto, que você não teve olhos para a beleza próspera e promissora da jovem. Isso faz parte também de sua maneira de ser, razão pela qual gosto de compartilhar a vida com você. (GOETHE, 1999, p. 32).

O narrador interrompe, entretanto, o diálogo entre os esposos, delatando a intenção inicial de Charlotte, que não havia sido outra senão apresentar intencionalmente Ottilie a Eduard, “a fim de arranjar um bom partido para a querida filha adotiva, uma vez que não pensava mais nele para si” (GOETHE, 1992, p. 32).

Escrever sem nada dizer, provocar o mal-entendido, falar sem declarar a verdadeira intenção, silenciar. Esse é um romance em que a linguagem como meio alcança um alto grau de ineficácia. Diferentemente do que acontece no *Werther* ou na *Nova Heloísa*, romances “epistolares” nos quais a troca de cartas constitui o “fio vermelho” da narrativa, as cartas aqui são, em geral, testemunhas da ineficácia da comunicação, e, em particular, documentos que comprovam o divórcio entre a letra e o espírito, entre linguagem e intenção.

As cartas enviadas pelos preceptores de Ottilie no internato são, também, testemunhos de quão pouco a linguagem é capaz de comunicar. A descrição detalhada das habilidades e deficiências de Ottilie na vida escolar pelo assistente da diretora é um raro documento de como se pode dizer pouco escrevendo muito. É provável que o julgamento mais conclusivo seja expresso pelas palavras da diretora, a qual, em um momento de impaciência, pergunta à jovem, sempre no relato do assistente: “Mas diga-me, pelo amor de Deus, como pode alguém parecer tão tolo quando não é?” (GOETHE, 1992, p. 57). Ottilie nega-se a fornecer a chave interpretativa para a sua personalidade. O gesto mais decisivo nesse sentido é o silêncio no qual se recolhe após a morte do filho de Charlotte, silêncio do qual não mais retornará até sua própria morte. Em meio ao caos e à comunicação falhada, Ottilie renuncia também à linguagem, como forma de penitência, esquecimento e perdão para de si mesma.

Ainda assim, a escrita, mais do que a fala, é último recurso buscado pelas personagens para a manutenção da presença e da subjetividade. É por meio de um ato de escrita que Eduard se assegura de que é amado por Ottilie:

Finalmente apareceu Ottilie, resplandecente de amabilidade. A sensação de ter feito alguma coisa por ao seu amigo enlevou todo o seu ser. Colocou sobre a mesa, diante de Eduard, o original e a cópia [...]

Eduardo não sabia ao que responder. Olhou para ela e depois para a cópia. As primeiras folhas estavam escritas com o maior zelo, por uma delicada mão feminina; depois os traços iam se modificando, tornando-se mais leves e soltos. Mas que surpresa a sua ao passar os olhos pelas últimas páginas! — Por Deus! Exclamou — que é isso? É a minha letra! — olhou para ela e novamente para as folhas; sobretudo o final era como se ele mesmo tivesse escrito. [...]  
Você me ama! — exclamou — Ottilie, você me ama! — e se abraçaram” (GOETHE, 1992, p. 101).

Entretanto, o ato de linguagem que provoca o reconhecimento entre os amantes é um ato puramente mimético, narcísico mesmo, ato em que o significado literal, o significado da letra, importa muito pouco ou nada, eclipsado pelo encantamento do significante.

Mesmo o diário de Ottilie, seis entradas ao todo que interrompem a estrutura linear da narrativa, não tem, aparentemente, relação direta com a vida interior da personagem. Ainda que, na primeira entrada do diário, Ottilie afirme como deve ser agradável poder descansar um dia ao lado de quem se ama, antecipando assim seu lugar junto a Eduard depois da morte de ambos, o discurso é alheio à sua própria situação pessoal naquele momento, adquirindo o tom de afirmações gerais, que se mantém também nas entradas subsequentes. Na terceira entrada, o diário de Ottilie trata, dentre outras coisas, do fenômeno da comunicação entre as pessoas de uma sociedade. Ali se encontram máximas como:

Comunicar-se é um ato natural; captar a comunicação, tal como ocorre, é educação.

Ninguém falaria demais em sociedade se estivesse consciente de quantas vezes entendeu mal os outros.

Alteramos tantas vezes as palavras estrangeiras ao repeti-las apenas porque não as entendemos.

Toda palavra dita suscita seu sentido oposto. (GOETHE, 1992, p. 162).

A entrada que antecede a morte do filho de Charlotte, é tão alheia e inofensiva quanto as outras cinco. No ápice da paixão amorosa, Ottilie dedica-se, no diário, a escrever sobre o próprio ato memorialístico e a recomendar que se copiem as cartas dos amigos, antes de as destruímos. Ottilie refere-se ainda às estações do ano, acrescentando que o ano às vezes nos parece tão curto e outras tão longo, e que não há lugar em que isso seja mais evidente do que no jardim, “onde o efêmero e o duradouro se interpenetram” (GOETHE, 1992, p. 202), como se sabe, uma preocupação frequente do autor Goethe. Mais próxima da vida interior das personagens é certamente a novela, narrada pelo hóspede inglês, também localizada no intervalo que antecede imediatamente o encontro amoroso entre Ottilie e Eduard e a morte da criança por afogamento. A novela, intitulada “Os vizinhos singulares”, narra a história de uma casal de crianças que crescem juntas e estão destinadas a casar. Seus caminhos separam-se, entretanto. Quando do reencontro dos jovens, a moça, já comprometida com outro, descobre a paixão pelo antigo amigo de folguedos e sofre com a sua indiferença. De temperamento impetuoso, durante um passeio de barco atira-se à água, buscando a morte intencionalmente para castigar o amigo indiferente. Este, então, joga-se à água para salvá-la, o que consegue. Ambos, recolhidos por um casal de camponeses, voltam à presença da família, que, aliviada por

encontrá-los vivos, abençoa a união ainda que a jovem estivesse prometida a outro, ao “noivo apaixonado que quase perdera os sentidos” (GOETHE, 1992, p. 217).

A breve narrativa tem, aqui, a função de conter e adiar o momento do clímax, ao mesmo tempo em que já alude aos motivos da morte por afogamento e da paixão que desafia as convenções sociais. É por meio dessa breve história que o narrador fará uma observação antecipatória a respeito da água como elemento: “A água é um elemento amigável para aquele que a conhece e sabe como tratá-la. Ela o susteve, e o hábil nadador a dominou” (GOETHE, 1992, p. 216). Diferentemente de Otilie, o protagonista da narrativa dentro da narrativa pula na água para salvar um bem precioso, mas tem as mãos livres; Otilie, ao contrário, na tragédia que se avizinha, “com a criança no braço esquerdo, o livro na mão esquerda, o remo na direita, cambaleia e cai dentro do barco. O remo escapa de sua mão e cai para um lado e, ao tentar apanhá-lo, a criança e o livro caem para o outro lado, dentro do lago. [...] Isolada de todos, flutua sobre o elemento traiçoeiro e inacessível” (GOETHE, 1992, p. 233).

Há quem aponte, aqui, a mesma severidade com que Goethe tratou das leituras romanesecas de outra jovem, a Lotte de *Werther*, para quem hoje não interessam mais “as venturas e desventuras de uma tal senhorita Jenny” (GOETHE, WA, 19, 1899, p. 29), mas, sim, apenas as leituras que a fazem amar ainda mais os afazeres e obrigações do seu cotidiano. De todo modo, dentre as muitas referências aos atos de leitura e escrita no romance de Goethe, essa é mais uma que tem as mais lastimáveis consequências.

O último documento que provém das mãos de Otilie é a carta que ela escreve aos amigos, pouco depois de ter sido, ainda mais uma vez, assediada por Eduard na hospedaria a caminho do internato. A carta é um documento singular na ação do romance, pois se trata do único momento em que se dá a conjugação ente a vida interior de Otilie e sua expressão pela linguagem. Otilie justifica seu voto de silêncio como forma de expiação, e pede aos amigos que a deixem

perseverar nele até quando o coração me ordenar. Não chamem nenhum intermediário! Não me forcem a falar, a comer e a beber mais do que o estritamente necessário. Ajudem-me com tolerância e paciência a passar por este momento. Sou jovem, e a juventude prontamente se recompõe. Suportem a minha presença; alegrem-me como seu amor; orientem-me com suas palavras, mas deixem o meu íntimo por minha própria conta. (GOETHE, 1992, p. 252).

O pedido de Otilie aos amigos – “Não chamem nenhum intermediário!” (GOETHE, 1992, p. 252) – remete imediatamente à personagem de Mittler, que, mais do que um intermediário, pode ser compreendida, aqui, também como uma espécie de catalisador, um *meio* de aceleração da reação química que resultará, por fim, no aniquilamento dos amantes e na canonização de Otilie. As cenas que se seguem à carta de Otilie, ao final do penúltimo capítulo do livro, preparam o leitor para um intervalo ameno, que parece querer prolongar-se. Trata-se de uma singular estabilidade, na qual Otilie e Eduard “moravam sob o mesmo teto; mas, sem pensar diretamente um no outro, ocupados com outros assuntos e convivendo a todo instante com outras pessoas, acabavam se aproximando. [...] Só quando estavam bem próximos é que conseguiam se acalmar, e bastava essa proximidade para se acalmarem completamente; não precisavam de nenhum olhar, nenhuma palavra, gesto ou contato; bastava simplesmente estarem juntos.



A vida para eles era um enigma, cuja solução só poderiam encontrar juntos” (GOETHE, 1992, p. 253).

Ottillie, tranquila e serena, de modo que já não precisavam mais se preocupar com ela, diz o narrador. A tranquilidade, semelhante à dos primeiros tempos, é interrompida apenas pelas visitas de Mittler, que “aparecia com frequência” (GOETHE, 1992, p. 254). Estamos no fim do capítulo 17, o penúltimo do romance. Já na página seguinte, começo do último capítulo, tem início a sucessão de acontecimentos que culminará com a morte de Ottillie, seguida da morte de Eduard e a posterior “canonização” da jovem. A presença frequente de Mittler, ainda que não a provoque, certamente acelera a cadeia de acontecimentos com seu discurso sobre a inadequação do sexto mandamento. Ottillie entra repentinamente na sala, ainda a tempo de ouvir o conciliador:

“Não cometerás adultério”, prosseguiu Mittler. Que coisa grosseira, indecorosa! Não soaria melhor se dissessem: “Respeitarás os laços conjugais e, onde vires esposos que se amam, alegre-te e compartilha disso, como da felicidade de um dia sereno. Se algo turvar o seu relacionamento, deverás tentar esclarecê-los, acalmá-los, apaziguá-los fazê-los entender suas vantagens recíprocas, e com muita abnegação fomentarás o bem estar dos outros, tornando-os sensíveis à felicidade que brota de todo dever cumprido, sobretudo daquele que liga indissolavelmente o homem à mulher”? (GOETHE, 1992, p. 258).

É essa a fórmula verbal que desencadeará a morte de Ottillie, que se dá poucos minutos depois. O narrador narra no presente do indicativo, o que intensifica, para o leitor, a possibilidade de acompanhar o experimento em tempo real. Os acontecimentos que se seguem até a morte de Eduard e sua descida ao túmulo comum são narrados com economia, para não dizer com pressa. Não será inadequado entender as três ou quatro últimas páginas do último capítulo como a finalização e o término da reação química, cujo produto é a consumação ou consumição de dois dos elementos iniciais. A hipótese inicial de Jochen Hörisch, segundo a qual o romance de Goethe pode ser lido como um manifesto anti-hermenêutico, associa-se, deste modo, àquela ideia fundamental (*durchgreifende Idee*) que Goethe aponta como sendo a diretriz capaz de dar unidade a seu romance. Sob a égide da incomunicabilidade ou da ininteligibilidade, esse romance estranho e notável parece corresponder, de fato, ao comentário do próprio autor, que afirma ter colocado ali muita coisa, mas, também, escondido outras tantas.

MAAS, W. P. D. M. Unintelligibility and Hermeneutics in Goethe's *Elective Affinities*. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 2, n. 2, p. 10-19, 2010.

## Referências

BENJAMIN, W. As afinidades eletivas de Goethe. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio reunidos*, São Paulo: Editora 34, 2009.

GOETHE, J.W. von. *As afinidades eletivas*. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Nova Alexandria, 1992.

\_\_\_\_\_. Kenner und Künstler, Hamburger Ausgabe, Bd. 1. p. 62.

\_\_\_\_\_. *Goethes Werke*. Herausgegeben im Auftrage der Großherzogin Sophie von Sachsen (WA). Weimar: Hermann Böhlau, 1887-1919, 143 v., Böhlau Verlag, s/d.

HÖRISCH, J. Der Mittler und die Wut des Verstehens. Schleiermachers frühromantische Anti-Hermeneutik. In: BEHLER, E.; HÖRISCH J. (Hrsg.). *Die Aktualität der Frühromantik*. München: Paderborn, 1987. p. 19–32.

NOVALIS. Monólogo. Trad. Jeanne Marie Gagnebin. In: GAGNEBIN, J. M. Sobre um monólogo de Novalis. **Cadernos PUC**, São Paulo: PUC-SP, v. 13, p. 75, s/d.

SCHLAFFER, H. Namen und Buchstaben in Goethes "Wahlverwandtschaften". In: BOLZ, N. W. (Hrsg.). *Goethes Wahlverwandtschaften: Kritische Modelle und Diskursanalysen zum Mythos Literatur*. Hildesheim: Gerstenberg, 1981, S. 211–229.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. *Über die Religion. Reden an die Gebildeten unter ihren Verächtern* (1799), Philosophische Bibliothek Bd. 255 Meiner Hamburg (Nachdruck), 1970.